



NATO

para quê ?

A NATO, um dos bastiões da “guerra fria”, foi fundada pelos Estados Unidos da América e alguns dos seus aliados, a 4 de Abril de 1949, quatro anos após a derrota do nazi-fascismo, num período de mudança radical na correlação forças a nível mundial, a favor da paz, da democracia e do socialismo.

A NATO nasceu essencialmente para se opor aos países socialistas e aos movimentos de libertação nacional e para concretizar a hegemonia dos EUA na Europa e as suas

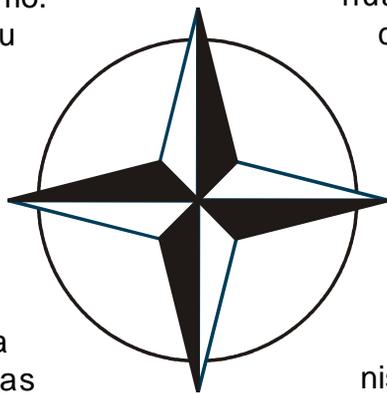
pretensões de dominação mundial.

A história da NATO mistura-se com a de um rasto de crimes, atentados e intervenções directas e indirectas contra os direitos e independência dos povos.

50 anos depois, PSD, PP, PS e respectivo Governo conti-

nuam a considerar

como objectivo principal, no que respeita à organização, equipamento e direcção das nossas Forças Armadas, a integração na estratégia global expansionista da NATO.





A NATO contra a democracia

As ligações da NATO aos então existentes regimes fascistas da Península Ibérica colidiam frontalmente com os princípios democráticos apregoados pela Aliança.

A NATO manteve uma relação estreita com o regime fascista português até ao fim dos seus dias. O seu apoio em material de guerra e preparação militar permitiu ao Governo português alimentar, durante largos anos, as guerras coloniais.

Na Espanha, os EUA/NATO utilizaram portos e bases aéreas cedidos pelo Governo franquista.

Também a Grécia e a Turquia atravessaram períodos com ditaduras militares, enquanto membros da NATO.

A NATO esteve intimamente ligada ao golpe dos coronéis na Grécia, em 1967 e às tentativas de golpe de estado neofascista em Itália (1964 e 1969).

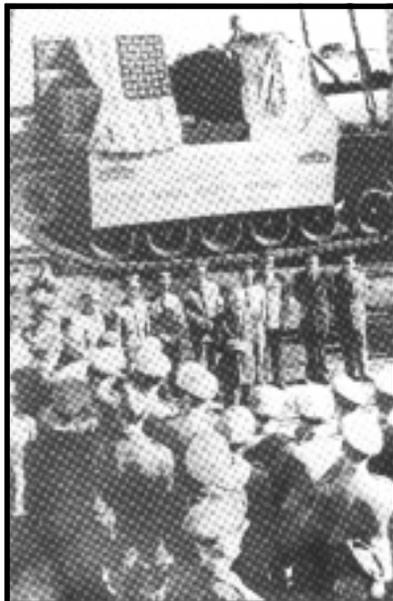
Chipre é outro exemplo da ingerência violenta nos assuntos internos de um país soberano, com a imposição de bases militares e ocupação da parte Norte da ilha por uma potência da NATO, a Turquia.

As ligações ao regime do apartheid da África do Sul, às ditaduras da Argentina, Brasil e Irão (de Reza Pahlevi) mostram como os norte-americanos e a NATO nunca coraram de vergonha pela sua ligação às ditaduras e fizeram (fazem) delas pilares centrais da sua política.

A verdadeira essência da íntima cooperação e conivência da Aliança com os regimes e as ditaduras mais sangrentas foi, e continua a ser, o apoio ao expansionismo e à tentativa de domínio mundial por parte do imperialismo norte-americano.

A NATO interveio directa ou indirectamente no Zaire e outros países africanos. Auxiliou a França na guerra da Argélia e disponibilizou as suas bases para a intervenção franco-britânica de 1958 no Egipto.

A NATO é responsável por uma frenética corrida aos armamentos, incluindo nucleares, e nunca renunciou a utilizar em primeiro lugar a arma atómica .



Portugal e a NATO

Portugal é membro da NATO desde a sua fundação. O seu contributo militar até ao 25 de Abril foi sobretudo de ordem logística, enquanto a NATO dava o seu aval ao governo fascista português.

Durante a revolução de Abril, a Aliança exerceu pressões e ingerências de várias ordens, incluindo manifestações de força, como as manobras “Locked Gate”, realizadas no princípio do ano de 75 na costa portuguesa, procurando contrariar a opção progressista proclamada pelos militares do MFA.



A viragem à direita na área do poder traduziu-se no aumento da dependência das Forças Armadas portuguesas, quer por via da imposição do credenciamento NATO para certas nomeações e promoções, quer através da reestruturação conduzida sob direcção norte-americana, quer ainda pelo fornecimento de material dos EUA, naturalmente gerador de dependências (situação que ainda hoje se mantém).

Se os EUA não venderam ainda mais material (grande parte obsoleto) a Portugal, esse facto deve-se às dificuldades portuguesas de pagamento.

Os milhões de contos gastos em reequipamento das nossas Forças Armadas não se têm traduzido num aumento da capacidade nacional de defesa.

A política que tem vindo a ser seguida agravou os laços de dependência de Portugal face à NATO e à sua potência dominante, os EUA.

A estratégia da NATO é um perigo para a paz na Europa e no Mundo

A NATO pretende hoje abandonar o limite da área da sua intervenção e assumir-se como uma organização pronta a intervir em qualquer parte do mundo, inclusive à margem da ONU e do direito internacional. As suas intervenções na Jugoslávia e no Iraque são disso exemplo.

O alargamento da NATO à Hungria, Polónia e República Checa, até às fronteiras da Rússia, fomenta a inquietação e a insegurança no Leste da Europa.

Assim, continuam a colocar-se velhas questões no que se refere à segurança e cooperação europeia, nomeadamente quanto à necessidade de travar as tendências negativas para a militarização da União Europeia, combater o reforço da NATO, prosseguir e encorajar a luta pela sua dissolução.

Portugal deve desde já demarcar-se da estratégia expansionista da NATO e recusar qualquer tipo de envolvimento em operações de ingerência e agressão sobre outros países, sempre a pretexto de falsas razões humanitárias.

NATO não! Paz e cooperação, sim!

A NATO não é o caminho!

Para o PCP será através de um novo rumo na construção europeia, valorizando a Acta Final de Helsínquia e potenciando e desenvolvendo a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa - OSCE, que será possível a Europa de paz, amizade, cooperação e segurança a que aspiram os povos do nosso continente e do mundo.

O PCP alerta o povo português

para os planos dos EUA e outras grandes potências visando celebrar o 50º aniversário da NATO, em Abril próximo, com uma grande operação de propaganda e graves decisões no plano político e operacional, viradas para a intervenção e agressão a nível mundial - em tudo contrárias aos objectivos do desarmamento, da segurança colectiva, da cooperação internacional e da paz.



NÃO À AGRESSÃO DA NATO
NA JUGOSLÁVIA!

NÃO À PARTICIPAÇÃO
DE PORTUGAL EM ACTOS
DE HOSTILIDADE
E GUERRA CONTRA
UM ESTADO SOBERANO !

PCP 